



**AVANÇOS SOBRE A COMPREENSÃO DA CAPOEIRA NO SÉCULO XXI: REFLEXOS DE SUA
RELAÇÃO COM AS POLITICAS NEO-LIBERAIS**

Benedito Carlos Libório Caires Araújo
Ciro José Brito
Bartira Telles Pereira Santos
Paulo Henrique Barbosa Mateus

RESUMO

A capoeira, após transformações no Brasil no século XX, essa manifestação ganha espaço social, assumindo uma nova dinâmica. Esse processo se inicia quando a docência da capoeira estrutura-se como mercadoria. O objetivo desse trabalho é demonstrar nas esferas da sociedade civil onde a capoeira se insere, a lógica dos interesses privados, em uma estrutura que une a ideologia burguesa e o estado liberal.

Palavras-chave: Capoeira. Parceria Publico Privado. Mercadoria.

ABSTRACT

The capoeira, after transformations in Brazil in the twentieth century, this manifestation takes social space, assuming a new dynamic. This process begins when teaching of capoeira was structure like a commodity. The objective of this work is demonstrate, in spheres of civil society, where the capoeira falls, manages the logic of private interests, in a structure that unites the bourgeois ideology, the liberal state.

Key words: Capoeira. Partner Public Private. Commodity.

RESUMEN

La capoeira, después de transformaciones Brasil en el siglo XX, esta manifestación gana espacio social, en el supuesto de una nueva dinámica. Este proceso comienza en el momento en enseñanza de capoeira estructurarse como mercancía. El objetivo de este trabajo es entender las esferas de la sociedad civil, donde la capoeira, gestiona lógica de intereses privados, en estructura que une la ideología burguesa y Estado liberal.

Palabras claves: Capoeira. Unión Publico Privado. Mercadería.



No intuito de contribuir para a discussão, exporemos, a seguir, algumas idéias sobre o caráter contraditório da própria capoeira, das suas possibilidades e de seus limites. De início, faz-se necessário acentuar que não tínhamos como intenção produzir um estudo exaustivo sobre as relações entre os diferentes modos de produção da vida e a capoeira. Antes, buscamos evidenciar, nos limites da natureza deste trabalho, pistas que indicam novas abordagens para compreensão do tema.

Dito isso, no decorrer da dissertação, refletimos sobre a ascensão social da capoeira nos anos 1930 e 1940, e a sua virada, com a adequação a forma produtiva dos anos 1980 e 1990. No bojo dessa discussão, destacamos o modo como a docência de capoeira passa a assumir um papel fundamental no processo de reprodução e ampliação da lógica destrutiva do capital. Nessa direção, buscamos evidenciar ainda que isso não se deu naturalmente, sem causas e nem motivos, mas em função do estado de desenvolvimento das forças produtivas.

Com essas considerações, abrimos a reflexão para um segundo plano de análise. Trata-se de nos perguntarmos sobre os limites do desenvolvimento social da capoeira na sociedade do capital e suas possibilidades de transformação.

Sob a ótica da nossa discussão, o processo educativo é uma mediação fundamental na constituição cultural do indivíduo, o qual, sob a égide do modo de produção capitalista, tem como função principal reproduzir o próprio capital e suas formas de sociabilidade. Isso posto, parece-nos, no mínimo, esquizofrênica qualquer tentativa de edificação de um projeto contrário a essa lógica, sem considerar a sua superação. Por tudo isso, a construção de uma capoeira plenamente emancipatória, universal, “[...] ainda que em formas e intensidades diferentes [...]” (TONET, 2003, p.9), como “[...] classe-para-si, classe revolucionária, síntese histórica de todas as classes e segmentos sociais que se contrapõem ao sistema sociometabólico do capital” (FONTANA, TUMOLO, 2006, p. 14), não é um projeto fácil.

A admissão dessas premissas, todavia, não tem como finalidade justificar a inércia, o sentimento de niilismo que se exacerba na comunidade acadêmica, muito menos o hedonismo como perspectiva de superação dentro da ordem. Ao contrário, significa, “dar o passo do tamanho de nossas pernas”, mesmo que nosso horizonte esteja distante. Significa caminhamos na direção correta, sem correr o risco de alimentar quimeras. Para isso, tomamos emprestado de Tonet (2003) algumas das suas principais questões: “Mas, qual é a direção certa? O que é o possível?” (ibidem, p.9)

Em sentido mais amplo, sobre a categoria possibilidade, Tonet (2003) afirma: “[...] o possível é um conjunto de determinações do objeto que podem ou não vir a se realizar.” (ibidem, p. 9). A realização, por sua vez, é constituída da concretização de múltiplos fatores, e, nesse sentido, o resultado depende intrinsecamente do fim que se almeja construir. Vejamos como Tonet elabora essa questão:

[...] verificar em que medida aquilo que está sendo realizado se conecta, através de quais mediações, com qual fim. Não se trata, portanto, de menosprezar a viabilidade, mas de compreender que, sendo esta sempre importante, sua definição, em termos de amplitude, profundidade e prazos, sempre estará – explícita ou implicitamente – vinculada ao fim almejado. (ibidem, p.9)

Se, portanto, realizamos a crítica ao modo de produção capitalista, que condiciona todo o processo de vida social, política e intelectual, defender alterações no modo como a capoeira se apresenta nos dias de hoje sem considerar a delimitação de um projeto histórico, e de uma prática política e educativa



comprometida com o interesse dos trabalhadores, seria, no mínimo, um erro gnosiológico, para não dizer uma impostura intelectual e política.

Nesse sentido, a explicitação da posição que ocupamos relacionada à capoeira, no plano político e intelectual, justifica-se, no contexto deste texto, em função da necessidade de um melhor esclarecimento sob as perspectivas que estão sendo postas para o seu desenvolvimento. Nessa direção, afirmamos nossa absoluta discordância quanto à defesa da possibilidade de uma capoeira emancipatória, cidadã, libertadora, no contexto da atual forma social entre capital e trabalho. Sob esse pressuposto, concordamos com Tonet (2003), que chama a atenção para o “[...] uso impreciso desta categoria da possibilidade e, juntamente com ele, o estabelecimento de fins que contrariam aquilo que se diz pretender (no caso, cidadania plena como sinônimo de liberdade plena), são responsáveis, em larga medida, pelo extravio da reflexão pedagógica progressista atual.” (TONET, 2003, p. 9)

Ainda no tocante à questão, referendamos a posição assumida por Tonet (2003), para quem:

[...] diante da crise estrutural em que o mundo está imerso, que resulta da lógica do próprio capital e que leva a uma barbarização cada vez maior da vida humana, a superação radical do capital e a conseqüente instauração de uma sociedade comunista se colocam como objetivos evidentes. Por isso mesmo, toda atividade educativa, teórica e prática, que pretenda contribuir para formar pessoas que caminhem no sentido de uma autêntica comunidade humana, deve nortear-se pela perspectiva da emancipação humana e não pela perspectiva da construção de um mundo cidadão. Vale enfatizar: um mundo cidadão significaria a melhor forma política de reprodução da sociabilidade mantendo, ao mesmo tempo, a desigualdade social. Por mais que aquele objetivo pareça difícil e sem viabilidade imediata, ele deve ser perseguido incansavelmente porque ele é o objetivo mais humanamente digno. (Ibidem, p. 10) grifos nossos

Outrossim, considerado o recorte temático do nosso objeto, identificamo-nos com a análise produzida por Taffarel (2005), tendo em vista a sua qualidade na apreciação da inserção da capoeira na forma social do capital. Vejamos a súmula por ela produzida em um de seus artigos:

[...] a tese de que a capoeira está em franca degeneração e decomposição de seus valores genuínos – capoeira patrimônio da humanidade – quando subsumida ao modo do capital de produzir mercadorias, para usá-las e trocá-las em relações capitalísticas. Procurei demonstrar que as abordagens da questão da capoeira centradas na ética, na ciência, na educação, na compreensão de cultura popular e, na normatização/monitorização reguladas pelo Mercado, pelo Estado e Comunitária são limitadas quando desprovidas da referência de um projeto histórico explícito, superador do modo do capital organizar a produção – uso e troca de mercadorias (Ibid, texto digital,)

Observemos mais detalhadamente os fundamentos de três projetos, entendido pelos órgãos públicos, como bem sucedidas políticas públicas voltadas para capoeira. O Projeto Capoeira Viva, cujo primeiro edital data de 2005, corresponde a uma ação do Ministério da Cultura, coordenada pela Fundação Gregório de Mattos, com patrocínio da Petrobras, que “[...] tem como objetivo fomentar políticas públicas para a valorização e promoção da capoeira como bem constituinte do patrimônio cultural brasileiro, apoiando uma das diretrizes de política cultural da atual gestão do Ministério da Cultura.” (http://www.capoeiraviva.org.br/regu_obj.htm). No âmbito das ações práticas do edital, o financiamento de projetos é, sem dúvida, a dimensão que mais causa reboliço na comunidade da



capoeira. Vejamos o que disse Juca Ferreira, na ocasião assessor de Gilberto Gil, em entrevista ao *Jornal Correio da Bahia* de 30 de março de 2005:

Ele anunciou a liberação R\$1,85 milhão para financiar dez projetos envolvidos com a capoeira na Bahia. O edital será publicado hoje no Diário Oficial da União. A novidade foi revelada durante a caminhada Cortejo Viva Salvador, que percorreu o trajeto do Campo Grande à Praça Municipal, com a presença de 456 capoeiristas, de 40 grupos diferentes. “Precisamos reconhecer a maior manifestação cultural do Brasil. Pretendemos lançar outros projetos”, acrescentou Ferreira (*Correio da Bahia* de 30/03/2005, www.correiodabahia.com.br)

Devemos confessar que, logo de imediato, ao receber a notícia, ficamos impressionados com o volume do investimento, dado o histórico de apoio público às ações para a capoeira. Todavia, ao passo em que fomos analisando o Edital, o impacto provocado pela cifra de R\$ 1,85 milhão, foi aos poucos se desfazendo, inicialmente ao tomarmos conhecimento de que a quantia destinada a cada projeto deveria cobrir seus gastos por três anos, 36 meses. Ademais, essa verba estaria limitada a apenas 10 grupos, que, para concorrerem ao processo seletivo, deveriam cumprir alguns pré-requisitos básicos – cópia do CNPJ da entidade ou CPF do candidato; cópia do estatuto da entidade; cópia autenticada da ata de posse ou de eleição da diretoria da entidade; cópia autenticada do RG e do CPF do responsável legal ou procurador nomeado (nesse caso, com cópia autenticada da procuração); título de utilidade pública dentre outros – o que tornava inviável a participação de grande parte dos grupos de capoeira.

Porém, até então, ainda não havíamos nos dado conta da face mais perversa dessa política, aquela que exacerba o conflito entre os capoeiras na disputa de uma fatia de R\$ 185.000,00. Instalava-se o clima do farinha pouca, meu pirão primeiro, desde que nem todos poderiam se abrigar no guarda-chuva de beneficiamentos do Estado.

Outra questão, não menos importante, é a de que a concessão do benefício estava condicionada à assunção de uma ideologia, porque, para serem premiados, os capoeiras se veriam obrigados a adotar um discurso e uma postura cooperativa com relação ao Estado, abandonando preocupações mais radicais, como é possível perceber nas ênfases contidas no Edital mais recente, de 2007:

Esta chamada pública tem como objetivo fundamental a concessão de prêmios de incentivo, visando à valorização, promoção e consolidação da capoeira como um dos vetores da formação do patrimônio cultural brasileiro, a partir de quatro linhas de ação: Apoio a projetos sócio-educativos cujo foco seja o conhecimento, o reconhecimento, a prática e a difusão do jogo da capoeira como instrumento de reforço ou recuperação da auto-estima – especialmente entre setores sociais nos quais tais experiências contribuam para o exercício da cidadania, para a implementação de uma cultura de paz e para a valorização das tradições culturais e da ancestralidade brasileira. [...] Incentivo para projetos inéditos de estudos, pesquisas, inventários e documentação sobre o desenvolvimento da capoeira no Brasil e no exterior, história de vida dos mestres, formação de novos mestres e detentores da sabedoria tradicional da capoeira – propiciando o avanço dos conhecimentos científicos sobre o tema, bem como o levantamento e a sistematização de documentos em diferentes suportes, dispersos em diferentes arquivos e acervos públicos e privados e ainda, a difusão desses conhecimentos. [...] Incentivo ou apoio a centros de referência sobre capoeira, propiciando que estes estabeleçam linhas de pesquisa, ampliem e atualizem seus acervos, aprofundem seu trabalho de sistematização documental, criem bancos de dados e permitam consulta on line, aprimorem suas condições de funcionamento e gestão, bem



como permitam a ampliação de suas atividades educativas e sociais, e ampliem o acesso do público ao acervo. [...] Incentivo a ações relacionadas à capoeira por meio de mídias e suportes digitais, eletrônicos e audiovisuais, incluindo filmes, vídeos, exposições, instalações, sítios, portais e jogos eletrônicos, software livre e produtos correlatos – produção, difusão e registro. [...] A seleção das propostas será realizada por uma Comissão de Avaliação, constituída por especialistas e estudiosos da capoeira indicados pela FGM. (Capoeira Viva, www.capoeiraviva.org.br, s/p, grifos nossos)

Nesse mesmo contexto, para ser beneficiário do Forte da Capoeira, o grupo cotista deveria se adequar à ideologia política vigente, uma vez que a Associação Brasileira de Preservação da Capoeira, Forte da Capoeira, é uma Organização-Não-Governamental, de iniciativa privada, que conta com o apoio do Governo do Estado da Bahia, através da Secretaria de Turismo.

O seu aparelho está localizado no Forte Santo Antônio Além do Carmo, no Largo de Santo Antônio, Centro Histórico de Salvador. No ano de 2006, o forte passou por uma reforma estrutural, com o objetivo inicial de abrigar diversos mestres de diferentes orientações. Na ocasião, cogitou-se denominar o Forte de Shopping da Capoeira. Vejamos uma notícia de 27 de março de 2006, extraída do site da própria Secretária do Estado, em alusão ao referido projeto de revitalização

O governador Paulo Souto, acompanhado do secretário da Cultura e Turismo, Paulo Gaudenzi, assina hoje (27), às 17h, a ordem de serviço para o início das obras de recuperação e restauração do Forte Santo Antônio Além do Carmo, onde funciona a Ong Forte da Capoeira. A solenidade será nas instalações do monumento secular e o orçamento estimado para as obras é de R\$ 2,8 milhões provenientes do Prodetur II-BID/BNB (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. <http://www.setur.ba.gov.br/noticias.asp?id=263>)

Vejamos agora o terceiro aparelho, o Ginga Mundo, que é, ao mesmo tempo, o nome de um grupo de capoeira dissidente do grupo Abadá, maior expoente da capoeira na lógica da mercadoria e nome de um evento de caráter anual, realizado em Salvador, desde 2002, que reúne capoeiristas, estudiosos, pesquisadores, artistas e turistas de muitas partes do mundo. Esse evento é organizado pelo Mandinga, ONG, mantida pelo grupo Ginga Mundo. Vejamos um release da edição do evento de 2008, presente no site oficial da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia

O secretário de Turismo Domingos Leonelli participou hoje (28), no Forte de Santo Antônio, da abertura do Ginga Mundo 2008, evento integrante do IV Encontro Internacional de Capoeira e Manifestações Afro-Culturais, que acontece no período de 28 a 31 de janeiro no Pelourinho. O encontro de capoeira é organizado pela Organização Não Governamental (ONG) Mandinga – Associação Integrada de Educação, Arte e Esportes e conta com o apoio da Secretaria de Turismo e da Bahiatursa. Participaram também da abertura, os famosos mestres capoeiristas João Grande – que há 15 anos possui uma academia em Nova Iorque - e João Pequeno, mestre Sabiá – organizador do encontro -, além de Paulo Lima, presidente da Fundação Gregório de Mattos, Magno Neto, gestor do Forte de Santo Antônio e representante da Secretaria de Cultura, e Sueli Rocha, representante da Petrobrás, uma das empresas patrocinadoras. (Secretaria de Turismo da Bahia, 28 de fevereiro de 2008, grifos nossos)



Aprofundando ainda mais a análise, ainda no bojo do discurso estatal, observemos a visão do Secretário de Turismo do Estado, Domingos Leonelli, a respeito do apoio concedido à capoeira:

[...] vamos implantar um programa de qualificação turística em todas essas academias para que ensinem também a divulgar os encantos de nosso Estado e nossos principais roteiros turísticos. Vamos articular esse projeto também com operadores de turismo e agências de viagens. [...] Segundo Leonelli, cada mestre capoeirista no exterior possui dezenas e até centenas de alunos, que poderão vir com mais frequência à Bahia, que é a “Meca” da Capoeira no mundo. Eles permanecem de 15 a 30 dias aqui, bem mais do que a média de 2 a 3 dias do turista convencional. “Essa visitação já acontece, mas queremos incrementar esse fluxo, agindo de forma profissional, para que resulte em mais benefícios ao turismo baiano e a todos que vivem em função da atividade Capoeira”, complementa. Ele diz ainda que a Capoeira está inserida como uma das atividades do programa de turismo étnico-afro desenvolvido pela Setur, que recebe repasses de recursos do Ministério do Turismo. (Secretaria de Turismo da Bahia, 28 de fevereiro de 2008)

É patente, portanto, a intenção do Secretário de promover ajustes na capoeira de modo a torná-la mais palatável ao gosto do freguês. A capoeira aqui, sem disfarces, é apresentada como uma mercadoria que compõe o cenário idílico da Bahia, ao lado da baiana de acarajé negra, adornada e sorridente, da mulata lasciva, do baiano cordial, do sol, das praias paradisíacas, dos quitutes e do eterno estado de festa. Por tudo dito até aqui, é por si evidente que a relação do Estado da Bahia com a capoeira tem como fundamento mais essencial a auto-valorização do capital. O que significa que a análise encetada por Mestre Pastinha, em 1980, ainda permanece atual: “A capoeira de nada precisa. Quem precisa sou eu” (ABREU, 2003, p. 16). Tal constatação, por sua vez, torna igualmente atual uma antiga reivindicação dos capoeiristas na luta por condições dignas de vida e ... morte: “O canto de despedida (enterro de Waldemar da Paixão) foi feito por João Pequeno de Pastinha, ele mesmo que, em 1983, ao reconstituir o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), atento às dificuldades para o enterro os mestres, desejou incluir nos estatutos, como parágrafo primeiro, o direito dos capoeiristas associados ao funeral de graça. (ABREU, 2003, p. 16)

A partir dessas considerações, a descrição que nos parece mais próxima da realidade para os referidos projetos, portanto, é: iniciativas públicas de gerenciamento privado, que visam ao benefício de segmentos da sociedade civil, falsamente auto-intitulados representantes dos interesses das minorias, tendo como contrapartida o fortalecimento do estado burguês, mediante uma propaganda falaciosa em prol da reparação social.

Deve-se acrescentar a esse argumento que o contexto em que tais práticas são edificadas constitui-se a partir de uma ideologia hegemônica que, nas palavras de Perry Anderson (1995), “[...] alcançou êxito num grau com o qual os seus fundadores provavelmente jamais sonharam, disseminando a simples idéia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, sejam confessando ou negando, têm de adaptar-se às suas normas.” (p. 12). A essa nova ordem chamamos de Estado Neoliberal

A América Latina foi pioneira na aplicação do modelo econômico neoliberal. Pinochet, no Chile, em meio à ditadura, antecipou o que viria a ocorrer na Inglaterra dez anos após a sua experiência em território nacional: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, privatização de empresas estatais e bens públicos. Como resultado, a economia chilena cresce bastante rapidamente, sob os auspícios do governo ditatorial de Pinochet.



O marco, contudo, do neoliberalismo, alcunha do novo liberalismo, foram o governo de Margaret Thatcher na Inglaterra (1979) e o governo de Reagan nos Estados Unidos (1980). Ambos enfrentaram os sindicatos, fizeram aprovar leis que lhes limitassem a atividade, privatizaram empresas estatais, afrouxaram a carga tributária sobre os ricos e sobre as empresas e estabilizaram a moeda. Os Governos Conservadores de Thatcher e Reagan serviram de modelo para todas as políticas que se seguiram posteriormente no mesmo roteiro.

Nesse contexto, as organizações não governamentais (ONGs), em teoria, operariam o ‘serviço social’ abandonado pelo Estado, em função da necessidade de enxugar seu aparelho. Entretanto, por detrás desse caráter inofensivo, reside uma complexa engenharia de regulamentação das contradições do modo de produção capitalista. Vejamos o que dizem Dezalay & Garth a respeito:

As fundações filantrópicas desempenharam um papel de reguladores da mobilização cívica. Na área de meio ambiente, por exemplo, fazendo cintilar suas subvenções e mobilizando suas redes científicas, a Fundação Ford acelerou a reconversão de movimentos contestadores ao redor de temáticas "responsáveis". Por exemplo, fez pressão sobre os responsáveis pelo Environment Defense Fund (FED), de modo que abandonassem uma estratégia de confrontação que se apoiava sobre a tribuna judicial para mobilizar a opinião: "Sue the bastards" (Levem os canalhas à justiça), de acordo com a fórmula favorita do inventor desta diligência. (DEZALAY & GARTH, 2005)

No caso da capoeira, parece-nos evidente que o surgimento de diferentes entidades sob essa configuração jurídica (ONG) tem como objetivo fundamental a captação de recursos para projetos em torno de temáticas reforçadas e legitimadas por agências internacionais, tais como: reinserção de jovens marginalizados, promoção do resgate cultural, sistematização de fontes de pesquisas de relevância social, reengajamento no mercado de trabalho. Nesse sentido Dezalay & Garth, acentuam que:

[...] as grandes instituições filantrópicas privadas – como as fundações Ford, Rockefeller, Soros – que se encontram doravante na vanguarda da globalização “humanizada”. Ao mesmo tempo que financiavam o desenvolvimento internacional das grandes ONGs que militam para os direitos da pessoa ou para a defesa do meio ambiente, contribuía para a propagação internacional dos campi que produzem e que difundem a nova ortodoxia liberal: [...] A globalização valoriza, assim, um espaço da “governança” internacional cujas instituições e práticas se inspiram no modelo norte-americano. (DEZALAY & GARTH, 2005)

Nesse contexto, para acessar o concorrido mercado de financiamentos, os capoeiras se vêm obrigados a, além de dispor de competências culturais e lingüísticas em sintonia com aquelas formuladas pelas agências internacionais, ao abandono da agenda de lutas sociais.

É por essa razão que reafirmamos nossa discordância no que se refere às atuais políticas públicas para capoeira. Nesse sentido, em alusão à epígrafe que inaugura esta sessão do texto, em que o Professor Paulo Costa Lima chama de “gesto construtivo e saudável”, chamamos de franca degeneração dos valores genuínos da capoeira.

Tendo formulado essa compreensão, referendamos, pois, o entendimento de que o processo de transformação das práticas sociais apenas se efetivará de modo radical, na medida em que o sistema sócio-metabólico do capital seja superado.



Pensar a capoeira, por sua vez, no bojo das contradições sociais, como ferramenta capaz de favorecer a emancipação humana, no sentido formulado por Saviani (2002) – de “Tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação, para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade da comunicação e colaboração entre os homens” (ibidem, p.39) – é uma tarefa para qual seria imperativo considerar, à luz do pensamento de Plekhanov, um novo homem e uma nova sociedade.

O grande homem é grande não porque suas particularidades individuais imprimiam uma fisionomia individual aos grandes acontecimentos históricos, mas porque é dotado de particularidades que o tornam o indivíduo mais capaz de servir às grandes necessidades sociais de sua época, surgidas sob a influência de causas gerais e particulares. [...] É precisamente, um iniciador, porque vê mais longe que os outros e deseja mais fortemente que outros. Resolve problemas científicos colocados pelo curso anterior do desenvolvimento intelectual da sociedade, indica as novas necessidades sociais criadas pelo desenvolvimento anterior das relações sociais e toma a iniciativa de satisfazer a estas necessidades. [...] Nisto reside a sua importância e toda a sua força. Mas esta importância é colossal e esta força é prodigiosa. (PLEKHANOV, 2003, pp.157-158)

Tal perspectiva, por sua vez, torna imperiosa, no plano do imediato, a necessidade de organização dos capoeiras, não como classe em si, mas classe para-si, classe revolucionária. Isso porque, na ordem social do capitalismo, assim como o único ser social que possui liberdade é o capital, na capoeira só existe um mestre, o próprio capital.

REFERÊNCIAS.

ABREU, F. J. de. *Bimba é Bamba: a capoeira no ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

_____. *O Barracão do mestre Waldemar*. Salvador-BA, Zarabatana, 2003.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILE, Pablo (Orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 09-23.

BOMFIM, J. Tráfico humano entre crimes mais rentáveis in *Jornal A Tarde* de 30/10/2003

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Gregório de Mattos. *Edital Capoeira Viva*. 2ª Edição, Salvador, BA, de 09 de outubro de 2007 em pdf in www.capoeiraviva.org.br

CAPOEIRA, N. (Nestor Sezefredo dos Passos Neto). *Capoeira: fundamentos da malícia*. 5ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 1999

_____. *Capoeira: pequeno Manual do jogador*. 7ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 2002

_____. *Capoeira: o galo já cantou*. 3ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 2003

DECÂNIO FILHO, A. A. *Herança de Pastinha*, Salvador-BA, 2ª Edição Eletrônica, Ed. São Salomão, 1996-a.

_____. *A Herança de Mestre Bimba*, Salvador-BA, 2ª Edição Eletrônica, Ed. São Salomão, 1996-b.

DEZALAY, Y. & GARTH B A ação conveniente das ONGs in *Le Monde Diplomatic* – <http://diplo.uol.com.br/2005-06,a1127> – junho de 2005.

ENGUIITA, M. F. *A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a*



- proletarização. In Revista Teoria & Educação, n. 4, 1991. pp. 41-61
- FERREIRA, J. Ministério da Cultura destina R\$1,85 milhão à capoeira in Correio da Bahia. Jornal Correio da Bahia. 30 de março de 2005, ed. eletrônica (http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva/noticias/na_midia/index.php?p=10385&more=1&c=1&pb=1), Salvador-Bahia. 2006. (visitada em 14 de junho de 2007)
- GIL, G. Ninguém segura esse país in Caros Amigos. Revista Caros Amigos. Ano X, nº 109, ABRIL 2006, Ed. Casa Amarela, São Paulo-SP. 2006. pp. 26-32
- HARVEY, D. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 14ª ed.: São Paulo-SP, Loyola, 2005
- MARX, K. O Capital: crítica da economia política – Livro I. 3 ed. – São Paulo: Nova Cultural, coleção; Os economistas, 1988.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Trabalho Escravo no Brasil do Século XXI. 1º edição. Hypertexto - www.ilo.org/declaration. 2005
- PLEKHANOV, G. V. O papel do indivíduo na história. 2ª ed, Editora Expressão Popular, São Paulo-SP, 2003
- REGO, W. Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.
- SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica. 8ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003-a.
- _____. Escola e Democracia. 36 ed. Campinas: Autores Associados, 2003-b.
- SODRÉ, M. Mestre Bimba: Corpo de Mandinga. Rio de Janeiro-RJ. Manati. 2002
- TAFFAREL, C. N. Z. A formação do profissional da Educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato do conhecimento no curso de Educação Física. Campinas-SP. Tese de doutorado UNICAMP. 1993.
- _____. Capoeira e Projeto Histórico. In DAMIANI, I. R. e SILVA, A. M. (orgs.) Práticas Corporais vol. 1: Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física. Florianópolis-SC: Noemblu. 2005. pp. 75-97
- TONET, I. A educação numa encruzilhada. Educação. Revista de estudos da educação, n. 19, Maceió :UFAL, 2003.
- _____. Educação, cidadania e emancipação humana. Ijuí: Edunijuí, 2005.
- TUMOLO, P. S.; FONTANA, K. B. Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990. In: 29 Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), 2006, Caxambu. 29 Reunião Anual da ANPEd - Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos, 2006. v. 1. p. 1-15.
- VIEIRA, L R. Sobre políticas públicas para capoeira. (vídeo) In CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO II SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CAPOEIRA: Capoeira e Políticas Públicas; Realidade e Possibilidades. Anais do II Seminário Nacional de Estudos sobre Capoeira. Florianópolis-SC, 2006.
- VIEIRA, S. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <capoeira-cbc@grupos.com.br> em 16 ago. 2004
- REFERÊNCIAS NA INTERNET**
- Associação Brasileira para o Apoio e o Desenvolvimento da Arte Capoeira -



www.abadacapoeira.com.br/
 Associação Muzenza de Capoeira - www.muzenza.com.br -
 BRASIL, MINISTÉRIO da CULTURA - www.cultura.gov.br/
 Centro Cultural Senzala - www.senzalacapoeira.cjb.net/,
 Fundação Gregorio de Mattos – www.cultura.salvador.ba.gov.br/ -
 Grupo Beribazu de Capoeira - www.beribazu.triger.com.pl/beribazu/linki.php3.
 Grupo Candeias de Capoeira - www.candeiascapoeira.com
 Grupo Capoeira Brasil - www.grupocapoeirabrasil.com.br.
 PROJETO CAPOEIRA VIVA - <http://www.capoeiraviva.org.br/apre.htm>
 SECRETARIA de TURISMO do ESTADO da BAHIA -
<http://www.setur.ba.gov.br/noticias.asp?id=263>
 SECRETARIA de TURISMO da Prefeitura de Salvador -
www.emtursa.ba.gov.br/Template.asp?IdEntidade=5183&Nivel=000500010915

Rua Napoleão Dórea, 723, Conjunto Residencial Santa Cecília, Bloco K, Ap. 304, Atalaia. Aracaju-Sergipe – CEP: 49037-460

e-mail: batukege@gmail.com

Datashow e caixas de som para computador